

# POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Globo

CLASS. : 364

DATA : 03 02 91

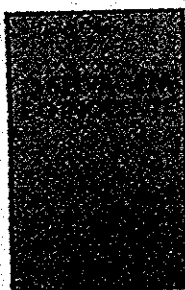
PG. : 04 Livro

## ANTROPOLOGIA

# Um inglês visita os 'povos da floresta'

CLAUDIA HEYNEMANN

**O SELVAGEM E O INOCENTE**, ("The savage and the innocent") de David Maybury-Lewis. Tradução de Mariza Corrêa. Editora da Unicamp, 430 pgs. Cr\$ 2.100,00



A imagem estampada na primeira página de "O selvagem e o inocente", do antropólogo David Maybury-Lewis, é uma fotografia na qual o autor anota, curvado sobre os joelhos, o que lhe diz um índio. A pouca

luz, a precariedade das condições de trabalho, a aplicação do cientista, por um lado; a relação de cumplicidade e estranhamento entre o indígena e o "cidadão civilizado", a solidão deste, por outro: estes componentes, todos presentes na foto, são os da atmosfera criada no texto deste relato de viagem — cumplicidade, uma certa solidão, diferenças e também humor.

Esta não é uma monografia, uma publicação científica destinado a acadêmicos. É um diário de viagem, que segue uma longa tradição de cronistas-cientistas europeus que se aventuraram pela "exótica e ameaçadora" selva tropical, desde o descobrimento do continente americano. Mas, ao contrário de alguns de seus colegas de profissão, Maybury-Lewis não tenta traduzir o que vê em termos maniqueístas: a visão que apresenta não é nem do Eden nem do inferno. Inglês de nascimento, Maybury-Lewis veio para o Brasil com sua mulher e sem experiências no trabalho de campo, planejando apenas conhecer a região central do país — especialmente as tribos Xe-

rente e Xavante. O contexto político de sua visita é o do desenvolvimentismo dos anos que precederam a construção de Brasília e do "sonolento" e ineficaz Serviço de Proteção aos Índios — cuja principal atividade, como se soube mais tarde, era afastar os povos indígenas que impediam a ocupação efetiva do Brasil Central.

O que o autor encontrou, sobretudo em seu contato com os Xerente, foi um grau de miséria e aniquilamento degradante, que praticamente reduziu os nativos à mendicância, apesar de sua teimosa insistência em preservar costumes e tradições. Ao longo do livro, percebe-se, por parte do autor, um desejo de aventura e um fascínio pelo desconhecido que tornam sua leitura agradável como a de um romance. É original, apesar das diversas narrativas históricas já existentes sobre "viagens de descoberta" dos indígenas por cientistas europeus.

Maybury-Lewis reconhece diferenças culturais sem uma visão etnocêntrica e assume sentimentos contraditórios, como o seu desejo de partir, sua irritação e também sua enorme empatia pelos índios, expostos a condições de vida que "nenhum de nós teve que enfrentar". Ao mesmo tempo, ele não pretende a neutralidade, a "objetividade" como pressuposto para o caráter científico de seu trabalho: o grande mérito de "O selvagem e o inocente" é a contextualização histórica, que situa as condições de vida das tribos, incorporando elementos que modificam e atrapalham seu cotidiano. No prefácio à edição brasileira, escrito em Cambridge em 1990, o autor lança o desafio: ele gostaria que os brasileiros dissessem quem é o selvagem e quem é o inocente. Lendo este livro, saberemos responder.

Claudia Heynemann é historiadora.